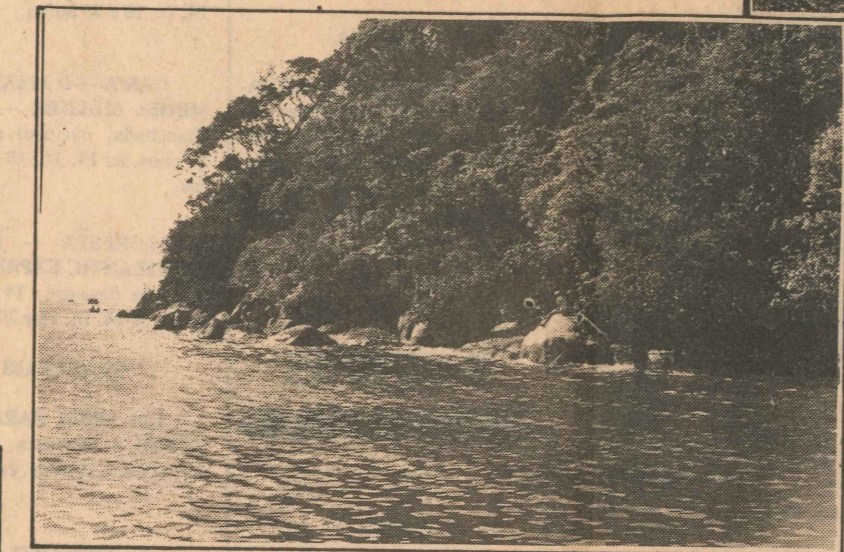
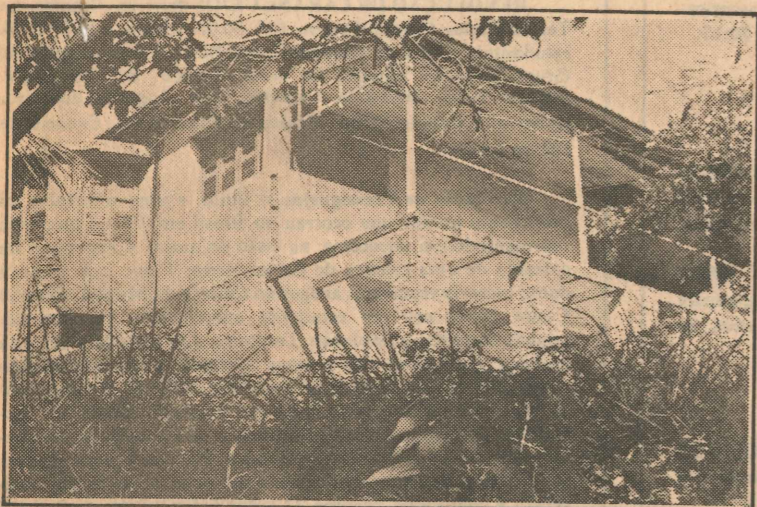


Conheça a

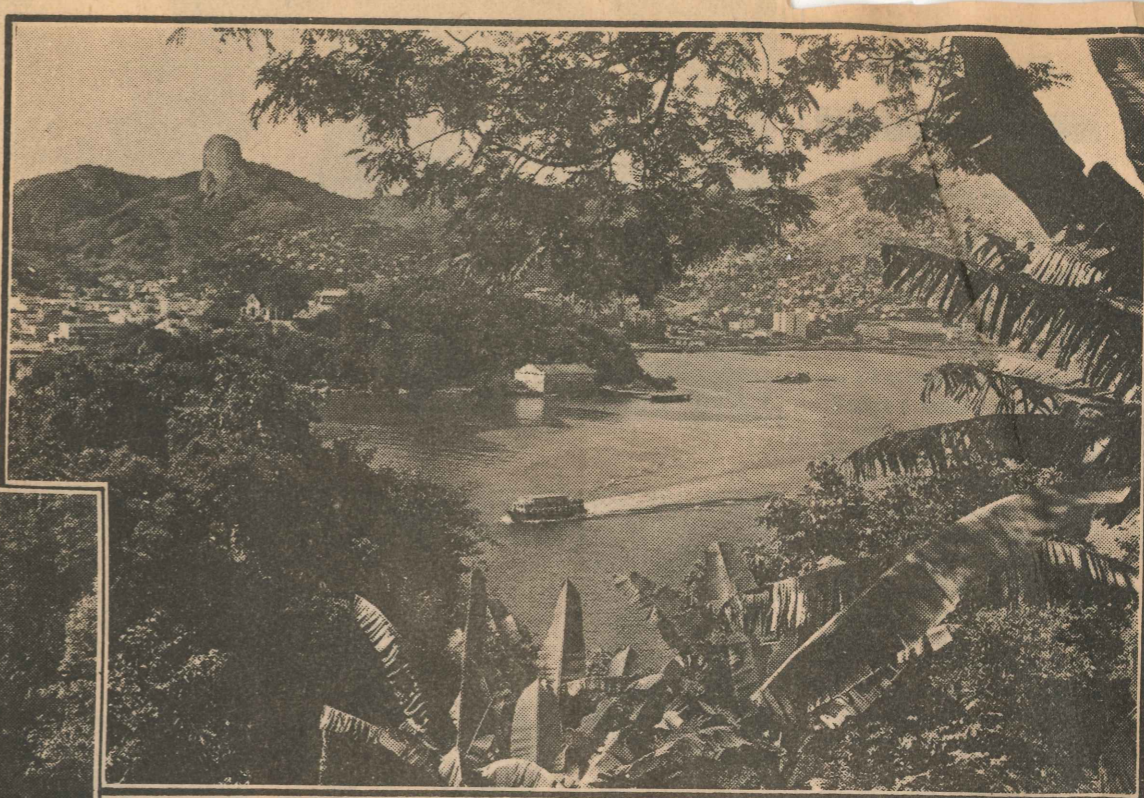
ILHA DAS COBRAS

Na Segunda Guerra Mundial, depois do afundamento de vários navios na costa brasileira, militares sediados em Vitória intimaram o proprietário da Ilha das Cobras para depor: queriam explicações sobre a luz que vinha da casa construída no local. Para os militares, seria uma transmissão de sinal a submarinos estrangeiros.

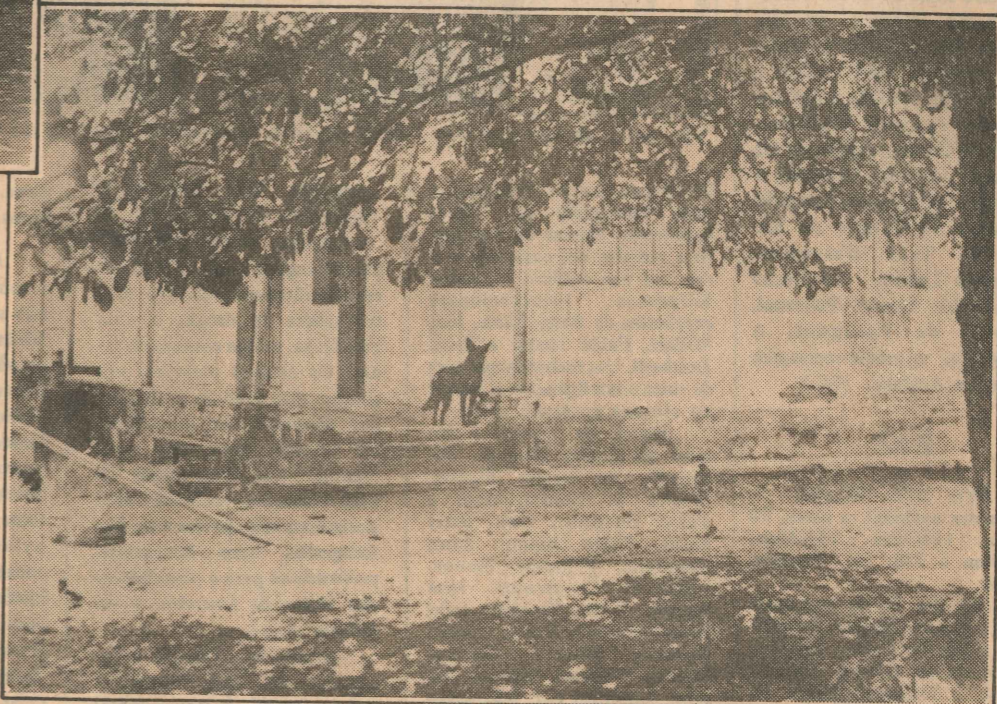


Nas pedras em volta, há sempre jovens pescando

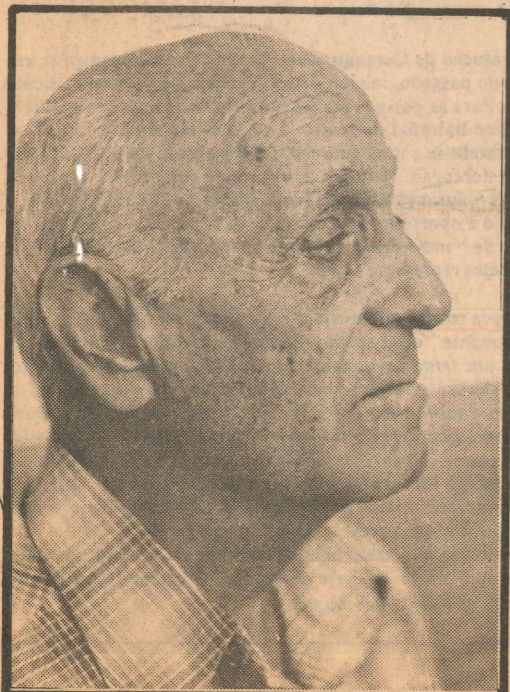
Esta é a construção que existe no alto da Ilha das Cobras



Uma bela visão da cidade e da baía, do alto



O cachorro é o guardião da casa



Alfredo Alcure comprou a ilha em 1937 e diz que ela está à venda

Texto de Edvaldo dos Anjos
Foto de Carlito Medeiros

A baía de Vitória tem várias ilhas para apreciação visual, além do histórico Morro do Penedo. Uma delas é a Ilha das Cobras, que pode ser melhor vista do Clube Alvares Cabral; é totalmente cercada de árvores e na sua parte mais alta aparece o telhado de uma casa. Embaixo, na parte de pedras, ficam os pescadores, que vêm de todas as partes, principalmente de Vila Velha. Os passageiros do sistema aquaviário, linha Vitória-Prainha, passam diariamente em frente à ilha, imaginando certamente quem construiu uma casa naquele local e se ainda há alguém morando.

Um repórter e um fotógrafo de A GAZETA foram descobrir a história da Ilha das Cobras. Não foi tão fácil assim. A primeira providência: apanhar um barco a motor no Terminal de Pesca de Vitória, cedido pelo proprietário, José Felipe, o Dio. Uma circulada em volta da ilha não revelava se havia alguma possibilidade de subir até à casa. A mata fechada parecia

uma forte resistência à presença de estranhos. O barco se aproximou de um jovem que pescava e ele informou que havia um caminho entre a mata e a casa, muito estreito, mas havia. Como o barco não podia se aproximar mais da ilha, sob pena de encalhar, o pescador ofereceu seu bote para conduzir o repórter e o fotógrafo, mas foi logo avisando: "Tem três cachorros policiais soltos por aí. Outro dia subimos para ver se arranjava água e tivemos que descer correndo e subir em árvores, para não ser devorado".

E agora? Voltar, seria frustrante; era preciso tentar, pelo menos. O bote levou quatro passageiros e parou numa pequena prainha, onde podia se ler, numa placa improvisada: "Esta ilha está por conta de funcionários da Penitenciária. É proibido penetrar nesta região". O Instituto de Readaptação Social (IRS) fica do outro lado da baía e de lá se tem uma visão completa da Ilha das Cobras. As informações existentes sobre o local eram precárias: uns diziam que haviam tigres, onças e leões; outros que a casa era mal assombrada (a chamada Mantegueira fica em outro local) e quem lá morava era um presidiário.

Armados com pedaços de pau, exclusivamente para se defender, subimos o estreito caminho, preocupados também com o surgimento de cobras. Afinal, o nome é Ilha das Cobras. Nem bem tínhamos andado cinco minutos morro acima quando avistamos a casa e, ao mesmo tempo, latido de cachorros. Quantos e de onde vêm? Depois do alarme, constatamos que só havia um cachorro preto, amarrado e alguns magros porquinhos, além de poucas galinhas. Sem dúvida, foi um momento de satisfação, sa-

momento em que estávamos desembarcando na ilha e mandou saber qual era nosso objetivo. O presidiário queria uma comunicação por escrito de que éramos de A GAZETA e qual era nossa finalidade. "Escreve num papel aí o que vocês vieram fazer aqui para eu levar para o capitão". Estávamos sendo informados naquele momento de que a ilha teria alguma coisa a ver com a Penitenciária e lembramos da placa improvisada lá embaixo.

Depois das explicações, principalmente sobre o motivo de estarmos dentro da casa, que julgávamos abandonada, descemos todos para falar com o capitão. Novamente de bote até o barco, fomos até a penitenciária, mas também tivemos que parar um pouco distante. O próprio presidiário deu carona ao repórter e ao fotógrafo. Na horta, o coronel Rosetti não estava. Alguns presidiários trabalhavam na abertura de novos canteiros e fomos falar com dois homens que estavam senta-

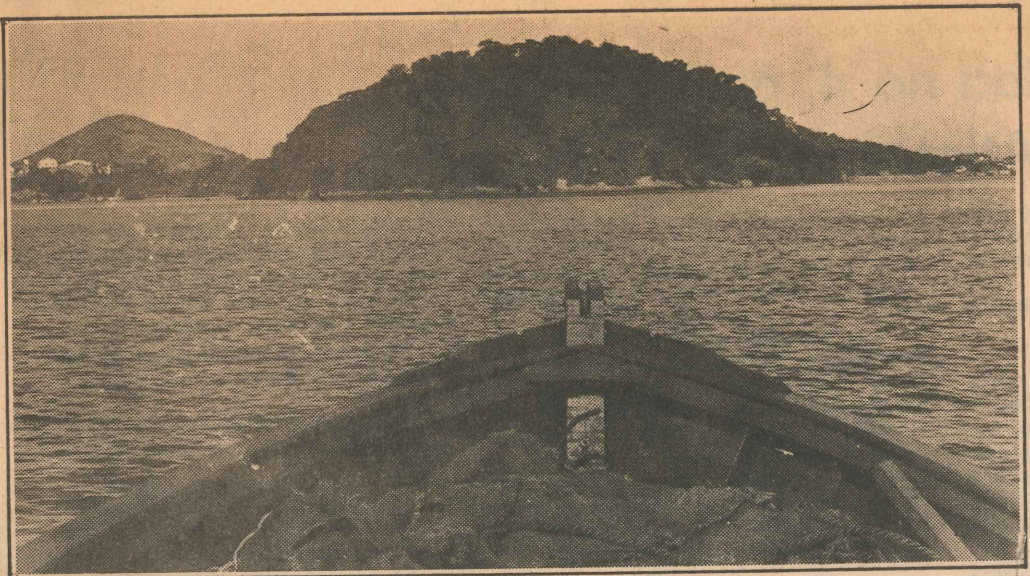
encontrado no posto de gasolina Santa Terezinha, de sua propriedade, em São Torquato. E contou:

— Comprei a ilha em 1937, de Anicete Barroso, um velho pescador. Nem me lembro por quanto. Não sei se foi por dez mil réis, hoje ela não tem preço, depende da pessoa que se interessar em comprar. Eu comprei para morar. Construí a casa e morei lá quatro anos com minha mulher. Eu levava o material de construção de canoa e arranjei um burro para carregar a areia até lá em cima. Foram dois anos para construir a casa. A despesa maior foi com transporte.

Alfredo Alcure casou em 1942 e foi morar na ilha. Foi lá, inclusive, que passou sua lua-de-mel. Só saiu depois de quatro anos porque começaram a nascer os filhos, mas ele mesmo diz que foi contra sua vontade e de sua mulher. Alfredo trabalhava na avenida Capixaba e tinha um bote e uma lancha. Vinha de manhã,

Alfredo Alcure comprou a ilha em 1937 e diz que ela está à venda

revelava se havia alguma possibilidade de subir até à casa. A mata fechada parecia



A ilha das Cobras é totalmente cercada de mata

porquinhos, além de poucas galinhas. Sem dúvida, foi um momento de satisfação, saber que estávamos ali, próximo à casa e que não havia cachorros policiais soltos.

Pintada de amarelo e vermelho, a casa é baixa, duas portas na frente, uma varanda semidestruída, uma área enorme para forno. As telhas, observadas do lado de fora, continham a inscrição: "Cerâmica São Braz, Alvaro Tavares, Cachoeiro do Itapemirim". A casa está muito pouco preservada e seu estilo antigo surge logo à primeira vista. O fotógrafo começa a fazer seu trabalho e observamos que a mata cresceu tanto que a visão da casa para baixo é cheia de obstáculos. Será que alguém está morando aqui? — era a pergunta repetida. A casa estava aparentemente fechada, mas uma das portas da frente cedeu a leve empurrão. Havíamos chamado várias vezes por algum morador e a aflição em que os porcos ficaram quando perceberam que estava chegando gente parecia um indício de que estavam com muita fome. A mesma reação parecia ter o cachorro.

Na entrada da casa, na sala, estranhos sinais de giz na parede. Eram desenhos de quatro flechas se atravessando. Um supersticioso poderia pensar em macumba. Mas, andando pela casa, fomos constatando aos poucos que havia gente morando. Uma enxada no canto, um pequeno jogo de sofá, um antigo quadro de São Jorge atacando o dragão, três fotografias de artistas tiradas da revista Ilusão (Roberto Leal, Alcione, Emilio Santiago), uma cama de casal com coberta e lençol, muitas outras roupas guardadas e vários livretos religiosos espalhados. Na porta é que estava a constatação definitiva de que a casa tinha habitantes: um cargão de registro do Ministério da Saúde/Sucam/Campanha Contra a Febre Amarela. Localidade: Ilha das Cobras. Zona Sul, nº 1, quarteirão 1, datas: 10/3/78, 28/4/78 e 1/9/78.

De repente surge uma pessoa no local. Um jovem com um blusão onde se lê IRS. Um presidiário, condenado há nove anos por homicídio, e que vive em liberdade vigiada. É ele quem está dormindo na casa ultimamente. Ficamos sabendo que o coronel Rosetti, que se encontraria na horta da Penitenciária, observou o

falar com dois homens que estavam sentados num canto, um à paisana e outro quase totalmente fardado. O primeiro logo começou a falar de maneira áspera, tentando nos intimidar por ter entrado na ilha sem sua autorização. Ele disse que era o responsável pela vigilância e preservação do local e que a Penitenciária não tinha nada a ver com isso. Explicou que era técnico agrícola e funcionário do Instituto de Readaptação Social há 28 anos. E que, como havia sido encarregado pelo proprietário da ilha, Alfredo Alcure, de ser seu vigia, contava com a confiança da direção do presídio e por isso estava mandando um presidiário dormir lá todos os dias. Inclusive, com direito a poder criar porcos e galinhas.

O homem à paisana continuava pouco amistoso, negava-se a dizer seu nome e onde encontrar o proprietário da ilha. Só depois de novas explicações e de verificar vários documentos de identificação é que a conversa ficou mais descontraída. Alcebiades — esse era o nome que ele estava escondendo — começou a falar sobre a ilha, a dizer que há mais de vinte anos toma conta dela, que de vez em quando vai tomar banho e passar o dia e que já matou mais de cem cobras em todo esse período. Mas logo em seguida dizia: "Não quero que você coloque nada no jornal. Deixa o seu Alfredo falar..." Quando tudo parecia tranquilo, o presidiário contou ao homem fardado que tinha nos encontrado dentro da casa. O militar ameaçou uma conversa sobre detenção do repórter e do fotógrafo para explicações, até que Alcebiades, já sorridente, disse que estava tudo bem. E prosseguiu, sempre animado: foi num galinheiro, pegou uma cobra jibóia, enrolou no pescoço e pediu para ser fotografado. Afirmou que encontrou a cobra na ilha quando tinha dois palmos de comprimento, dentro do fogão da casa. Em seguida, chamou seus ajudantes na horta e pediu que a fotografassem. E revelou, também, onde encontrar o proprietário da ilha.

Estava encerrada com sucesso a aventura à Ilha das Cobras.

Alfredo Alcure, um palestino naturalizado, 77 anos, quatro filhos, foi

banhava na avenida. Espantado com o bote e uma lancha. Vinha de manhã, almoçava na ilha e voltava à tarde. A casa tinha luz e água. A luz era puxada do Continente, mas hoje não tem mais, pois toda a fiação foi roubada.

Morar lá era uma beleza. No dia em que saímos foi uma choradeira. Fui para lá com sessenta quilos, daí com oitenta. Não havia problemas, porque não atrapalhava meu serviço.

Alfredo diz que a ilha nunca teve animais perigosos. Realmente o presidiário que dorme lá, apesar de Alcebiades ter dito que o nome da ilha vem do fato de ter tido muitas cobras, afirma que só encontrou lagarto até agora, que ele costuma matar para comer. "Parece carne de jacaré". Alfredo conta que a ilha sempre teve muitos pássaros e que um amigo, a quem emprestara a casa para lua-de-mel, disse que "tinha lá uma média de cinco mil sanhaços".

Agora, uma curiosa revelação de Alfredo Alcure: existe na ilha, mais ou menos a cinquenta metros da maré, uma nascente de água doce. Por um pedaço de terra de setenta mil metros quadrados, Alfredo paga taxa de ocupação (atualmente, cerca de trinta mil cruzeiros por ano) e imposto predial à Prefeitura. Diz que não tem idéia do preço pelo qual venderia a ilha e que quem quis comprar até agora "não demonstrou ter recursos suficientes". Mas está disposto a vender, se aparecer uma boa oferta e acha que o local poderia interessar a uma empresa para construção de um hotel. Ou, senão ao Estado, para aproveitamento turístico.

Na época da Segunda Guerra, quando morava lá, aconteceu um fato interessante com Alfredo. Ele havia colocado lâmpadas fluorescentes, então chamadas de "luz fria", na varanda. Por causa de falta de ajuste, elas estavam acendendo e apagando o tempo todo. "Como era guerra, eu fui intimado por dois militares a prestar depoimentos. Cheguei lá e perguntei: O que está havendo? O senhor está dando sinal para submarinos — foi o que me responderam. Eu não entendi e eles disseram: Todas as noites, na sua casa, aparece uma luz que acende e apaga, acende e apaga."